



O Garimpeiro Eventual na Bacia do Rio Vermelho no Município de Goiás (1981-1991)¹

Noelma Silva²

Resumo: Na década de 1980 houve no Brasil uma nova corrida em busca do ouro, sobretudo, motivada pelo alto preço do metal e da tecnificação dos garimpos. Essa corrida atingiu, inclusive, a Bacia do Rio Vermelho no município de Goiás. Este artigo visa apresentar as implicações socioambientais e culturais do garimpo nessa região, que transformou os espaços naturais e urbanos em territórios sem fronteiras e que impactou, temporariamente, o modo de vida dos vilaboenses. Esta pesquisa foi realizada entre 1998 e 2000 e utilizou-se dos instrumentos da história oral e da análise qualitativa sobre os depoimentos coletados e os documentos encontrados afim de preencher geograficamente esta lacuna histórica.

Palavras-Chave: Garimpeiro. Garimpo. Território. Cidade de Goiás. Bacia do Rio Vermelho.

The Potential Garimpeiro in the Red River Basin in the Municipality of Goiás (1981-1991)

Abstract: In the 1980s there was a new race in Brazil in search of gold, mainly due to the high price of the metal and the technification of the garimpos. This article aims to present the socio-environmental and cultural implications of the garimpo in this region, which transformed natural and urban spaces into territories without borders and that temporarily impacted the way life of the vilabians. This research was carried out between 1998 and 2000 and the instruments of oral history and qualitative analysis were used on the testimonies collected and the documents found in order to fill this historical gap geographically.

Keywords: Gold Prospector. Gold Prospecting Area. Territory. City of Goiás. Red River Basin.

Introdução

A exploração do ouro está umbilicalmente ligada ao nascimento e desenvolvimento da cidade de Goiás. De fato, desde o primeiro século de colonização do Brasil o território de Goiás já era percorrido pelas Bandeiras e pelas Descidas. Contudo, somente no início do século XVIII com a descoberta de ouro na Bacia do Rio Vermelho, a região ingressa efetivamente na esfera da colonização portuguesa. Surgem, então, os primeiros povoados, entre os quais se destaca o Arraial de Sant'ana (1726), logo elevado à condição de vila e nomeado Vila Boa (1736). Posteriormente, transformada na primeira capital da Capitania de Goiás (1749), passa a se chamar cidade de Goiás quando alcança um novo patamar de desenvolvimento urbano (1818).

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado intitulada “O Garimpo eventual e a territorialização do garimpo na Bacia do Rio Vermelho (1981-1991)”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB).

² Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.



A historiografia da cidade de Goiás está marcada por momentos de auge e depressão que, ainda hoje, marcam o seu desenvolvimento econômico local. Em quase três séculos, quatro momentos podem ser salientados: o primeiro refere-se aos vinte e três anos iniciais (1726-1749), marcado pelo auge do período mineratório, época em que ocupa relevante posição econômica no cenário aurífero goiano.

O segundo momento iniciou-se com a elevação de Vila Boa à capital da recém-criada Capitania de Goiás (1749), mais tarde transformada em Província (1818). Nesse instante, apareceram os primeiros indícios de estagnação econômica causada pelo declínio da mineração e a sociedade vilaboense³ viu-se obrigada a buscar sua subsistência na agropecuária, no comércio e no serviço público.

O terceiro momento caracterizou-se pela transferência da capital para Goiânia em 1937, deixando a cidade de Goiás – mais uma vez – sem perspectivas de desenvolvimento econômico local. Esse quadro não se alterou com o tombamento da cidade pelo Patrimônio Histórico e Cultural brasileiro em 1947, embora isso significasse o reconhecimento da importância dessa cidade na história de Goiás.

Entretanto, quando tudo apontava para a estagnação econômica e social, ressurgiu o garimpo na antiga Bacia do Rio Vermelho, no início da década de 1980, caracterizando o quarto momento, objeto deste artigo. Esse retorno acenou, de um lado, com a possibilidade de reingresso da cidade de Goiás no cenário comercial, de outro, com a degradação da paisagem natural e mudanças no modo de vida da comunidade local. Este artigo compreenderá de forma mais objetiva a temática do ressurgimento do garimpo na Bacia do Rio Vermelho na década de 1980 e os impactos causados pela introdução das máquinas, a diversificação de papéis e a alteração do cotidiano dos vilaboenses, que fez surgir uma nova categoria de garimpeiro, o eventual.

A Segunda Corrida do Ouro no Garimpo da Bacia do Rio Vermelho (1981-1991)

A década de 1980 foi palco de um novo ciclo do ouro, muito mais intenso e amplo do que aquele que marcou o período colonial. Rocha (1984), ao analisar tal fenômeno, constatou que este resultava de uma conjugação de fatores como a aguda crise econômica e social, porque passava o

³ Vilaboense, forma com que as pessoas que nasceram na cidade de Goiás orgulhosamente se identificam, é um termo que homenageia o nome anterior da cidade.



país naquele momento e a forte campanha ideológica do governo⁴, que cultivou e difundiu o “fetichismo” do ouro, ressaltando-lhe a opulência e banalizando a miséria dos que produziam a riqueza. Além disso, a década de 1980, caracterizada como a “década perdida”, ficou conhecida pelas taxas de inflação, pelo aumento da dívida pública interna que ultrapassou os 90 trilhões de cruzeiros, pela cobrança dos juros da dívida externa e, conseqüentemente, pelo alto índice de desemprego, que chegou a casa dos 20% da mão de obra ativa do país.

O Governo, por sua vez, proclamava o garimpo como a salvação da situação de desemprego e de tensão social que atingia toda a população de baixa renda naquela década (GUERREIRO, 1984). Registre-se que essa estratégia estava associada inclusive aos interesses do Banco Central⁵ em manter a extração do ouro, devido as suas altas cotações no mercado internacional. Mais do que insensata, essa estratégia revelou ser enganosa, pois o garimpo somente proporcionou aos homens deserdados, sem emprego, a entrega de seus braços ao trabalho, para explorar um ouro que não lhes pertencia, servindo apenas para aumentar-lhes a própria miséria.

O garimpo na Amazônia, além de ser responsável pelo retorno da “corrida do ouro”, nas antigas províncias auríferas de todo o Brasil e inclusive na Bacia do Rio Vermelho em Goiás, exportou para todos os cantos do país novos métodos e novas relações de trabalho, ocasionando uma mudança no perfil do garimpeiro nos anos 1980. Além dos garimpeiros, as empresas mineradoras, também entraram nessa corrida investindo em pesquisa mineral. Segundo Maron (1995), Goiás destacou-se no período como o Estado que teve maior participação na distribuição de investimentos em pesquisa mineral em áreas de alvarás de pesquisa.

No início dos anos 1980, a Metais de Goiás S/A (METAGO), empresa estadual de controle da mineração no estado, resolveu realizar pesquisa mineral na região em que se localiza a Bacia do Rio vermelho, como área a ser estudada para possível exploração de ouro aluvionar⁶. Essa pesquisa concluiu que a Bacia do Rio Vermelho apresentava um volume muito grande de material aluvionar,

⁴ Segundo Rocha (1984), o próprio Governo estimulou a “corrida do ouro”, oferecendo vantagens às grandes empresas, principalmente multinacionais, encorajando o casamento entre pequenos e grandes empresários, pois, tanto para o Banco Central como para a chamada livre iniciativa, o negócio propiciava altos ganhos sem grandes investimentos e o rápido entesouramento a custos irrisórios de produção.

⁵ O Banco Central tornou-se “o único comprador de ouro, estipulando seu próprio preço, com o objetivo de incorporar o metal às reservas internacionais e estimular a entrada de investimentos estrangeiros” (ANDIMA, 1996, p. 9).

⁶ **Aluvionar:** acumulação sucessiva de materiais (cascalho, areia).



nas áreas em estudo e que o ouro está presente em todos os horizontes do aluvião, mostrando teores mais elevados nos níveis de cascalho (EROG, 1984, p. 172).

É importante lembrar que é na Bacia do Rio Vermelho que se localiza a cidade de Goiás, o que originou a mineração em Goiás foi a descoberta do ouro que lhe rendeu o nome de “Vermelho” e deu origem à cidade. Após o período mineratório, o rio com suas águas diminuídas, oferecia recantos pitorescos e poços para banhos como o Poço Rico, Gameleira, Poço do Bispo. No entanto, o crescimento da cidade, a falta de rede de coleta e tratamento de esgoto, tornou o rio bastante poluído.

Com efeito, atualmente, dentro da cidade de Goiás, o Rio Vermelho – juntamente com seus afluentes, Bacalhau, Bagagem, Prata e Manuel Gomes – recebe uma intensa carga de lixo e esgoto tornando-se um grande receptor de carga de resíduos domésticos, o que contamina o solo e ameaça a saúde da maioria da população. Além disso, a “ação do carregamento de sedimentos para o rio, acarretou mudanças no seu leito, levando à formação de bancos de areia e de áreas alagadiças propícias a focos de doenças” (ARTE URBANA, 1992).

Fora da cidade, o Rio Vermelho corta fazendas e pequenos povoados, percorrendo uma extensão sinuosa de 300 km, formando a importante Bacia do Rio Vermelho, destacando-se os seguintes afluentes: rio Agábito, rio do Índio, rio do Bugre, rio Uvá, rio Itapirapuã, rio Ferreira e ribeirão Água Limpa até desaguar no rio Araguaia, o qual é considerado o rio de maior aproveitamento turístico da região Centro-Oeste. Antes de desaguar no Araguaia, parte das águas do rio é captada para abastecimento público da população de Aruanã.

O Territorialismo e as Territorialidades do Garimpo: Garimpeiro Eventual

O retorno do garimpo na Bacia do Rio Vermelho – ocorreu em função da segunda corrida que teve como maior expressão o Garimpo de Serra Pelada, considerada a mais importante descoberta garimpeira do País de todos os tempos. Esse título lhe foi conferido não apenas pelo ouro que possuía, mas pelas intensas e profundas mudanças que operou no cenário da mineração. Serra Pelada desencadeou definitivamente um outro ciclo do ouro no Brasil, que adentrou à década de 1980 impulsionado por um complexo conjunto de fatores – recessão econômica, desemprego, políticas oficiais de incentivo, alto preço do metal, propaganda e conflitos.



A exploração de ricos mananciais auríferos da área amazônica, especialmente, na bacia mineral mais rica do País, a do rio Tapajós – Serra Pelada⁷ e Itaituba⁸ –, transformou o garimpo numa atividade industrial de grande escala, introduzindo tecnologias que diversificaram a atuação dos garimpeiros no Brasil. Esse processo de tecnificação do garimpo começou no período de 1960-1979, ainda que de forma incipiente, mas já interferindo decisivamente na produção. Por essa época, popularizou-se o uso de pequenas bombas de sucção e de dragas⁹, alterando o quadro da lavra aurífera no Brasil.

Salomão (1982) tentou adequar as denominações “garimpo” e “garimpeiro” a essa nova realidade, estabelecendo uma conceituação atual e abrangente para ambas. Segundo ele, “garimpo é a lavra a risco, isto é, toda e qualquer atividade extrativa mineral não precedida por trabalhos sistemáticos e conclusivos de pesquisa mineral, ou que não os leve em conta se existentes”. O garimpeiro, por seu turno, é o “operário do garimpo, responsável pela conversão direta de trabalho em produção” (SALOMÃO, 1982, p. 19-20).

A tecnificação do garimpo espalhou-se por todo o Brasil, propiciando a descoberta e a redescoberta de ricas jazidas de ouro nas antigas regiões auríferas do País e, ainda, a modificação das relações de produção dentro das áreas de garimpo. No início dos anos 1980, com a alta do preço do ouro, a atividade garimpeira voltou a se consolidar como a maior responsável pela produção aurífera do país. Os relatos sobre as atividades do Garimpo na Bacia do Rio Vermelho, na Cidade de Goiás, mostram a ação garimpeira vizível e potencialmente ameaçadora ao espaço natural.

De um lado, um pequeno número de garimpeiros manuais (tradicional), que trabalhavam sozinhos ou em pequenos grupos. Esses garimpeiros, por utilizarem instrumentos rudimentares como a bateia¹⁰ ou a banca¹¹, só exploravam superficialmente a mina, ocasionando pequenos danos

⁷ O garimpo de Serra Pelada caracterizou-se por um rápido enriquecimento dos “donos de barrancos” e por uma ostensiva intervenção autoritária e prepotente do governo federal no processo, por meio do Conselho de Segurança Nacional (SALOMÃO, 1984).

⁸ Em Itaituba estabeleceu-se um garimpo tão rico quanto o de Serra Pelada. Todavia, por estar localizado em área de difícil acesso, era reduzida a mão-de-obra disponível e exigia um aporte tecnológico que, ao longo do tempo, foi incorporado na produção garimpeira (SALOMÃO, 1984).

⁹ **Draga:** são máquinas de sucção, que permitem sugar, através de mangueiras a areia e o cascalho ativo do leito dos rios. (SALOMÃO, 1984, p. 50)

¹⁰ **Bateia:** gamela de madeira que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero (HOLANDA, 2010).

¹¹ **Banca:** é uma calha de madeira onde o cascalho é lavado e em seguida vai para a bateia (HOLANDA, 2010).



à natureza. De outro, com o aparecimento das máquinas, surgiu o garimpeiro braçal¹², que mantinha uma relação de trabalho com o empresário do garimpo. Vale registrar que o garimpo mecanizado demandava até cinco garimpeiros braçais para trabalhar nas máquinas, capazes de explorar o subsolo em grande profundidade, o que gerava maior riqueza em detrimento da preservação do espaço natural.

Uma significativa mudança ocorreu em relação ao perfil do investidor e do trabalhador no Garimpo. No caso específico da Bacia do Rio Vermelho, além do garimpeiro tradicional – com estilo de vida simples, ou arrojado – que se aventura em mais de um local em busca do ouro, surgiu uma nova categoria, a do garimpeiro eventual. Tratava-se de uma categoria formada por pessoas de diferentes classes sociais que se embrenhavam no mundo do garimpo eventualmente e, findo o garimpo, retornavam às atividades econômicas anteriormente desenvolvidas. Diga-se de passagem, essa caracterização retrata exatamente o perfil do garimpeiro que atuou na Bacia do Rio Vermelho na cidade de Goiás, objeto de estudo deste trabalho.

Na atividade garimpeira, as relações de poder que os homens estabelecem num determinado espaço podem criar um território modificador da paisagem. As relações sociais estabelecidas dentro e fora da atividade garimpeira são resultantes de um jogo social em que o poder delimita e define o território. O espaço é de todos, entretanto, o território expressa a forma de apropriação desse espaço. Portanto, nessas relações está implícito o poder sobre o território. Mas, que tipo de poder existe sobre o território e constitui sua identidade? No território do garimpo predomina o poder econômico, que em decorrência das circunstâncias modernas é marcado pela tecnologia. Logo, ela é a maior responsável pela territorialização do garimpo.

Para o filósofo Michel Foucault (1999, p. 11), o poder encontra-se nas diversas relações que os homens estabelecem entre si. Segundo ele, o poder não existe apenas em relação direta com o Estado “mas por uma articulação com poderes locais, específicos, circunscritos a uma pequena área de ação”. Portanto, não existe uma teoria geral do poder, pois o poder não é um objeto e nem uma coisa. Trata-se de uma prática social constituída historicamente que se articula ao Estado de maneiras variadas, sendo indispensáveis à sua sustentação e atuação eficaz (FOUCAULT, 1999).

¹² Entende-se por garimpeiro braçal o trabalhador pertencente a uma classe social homogênea que utiliza sua força de trabalho para manusear a máquina e é remunerado com um salário.



Sendo assim, o poder é um elemento de explicação indispensável à pesquisa dos fatos sociais (CLAVAL, 1978). O estudo desses fatos desvela a ideologia oculta, os mecanismos reais que escondem o peso desigual dos participantes que determinam as regras sociais e delas se beneficiam.

Para Souza (1988, p. 78), “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, é um instrumento de exercício de poder; nesse sentido, o estudo do território torna-se importante para compreender “quem domina ou influencia quem neste espaço”. Por isso, o autor define quatro conceitos que fundamentam a análise do território: o territorialismo, que se baseia no controle territorial; a territorialidade, na qual as relações de poder estão espacialmente delimitadas e operam sobre um substrato referencial; as territorialidades, que podem ser classificadas conforme suas próprias dinâmicas em territórios contínuos ou descontínuos; e, a territorialização, que determina o tipo da paisagem. Dessa forma, o territorialismo e a territorialidade garantem a territorialização do território.

O territorialismo econômico que busca o controle sobre o território desvelou o conflito entre garimpeiros e mineradoras, ou seja, a tecnologia implementada industrializava o garimpo, aumentando sua capacidade de produção a ponto de competir potencialmente com a atividade mineradora. As territorialidades do garimpo na Bacia do Rio Vermelho com a indefinição do *status* legal do garimpo tecnificado e os altos ganhos advindos dessa atividade transformaram muitos trabalhadores em garimpeiros, dando origem a uma nova categoria social. Tratava-se do garimpeiro eventual, categoria formada por empresários, funcionários públicos, trabalhadores braçais, fazendeiros e até donos de mineradoras.

A atividade garimpeira, por sua vez, destacava-se como um fenômeno resultante das relações que os homens estabelecem entre si num determinado espaço, formando um território. Lefévre (apud CORREA, 1998, p. 25) considera o espaço como “o *locus* de reprodução das relações sociais de produção”. Nessa linha, a tecnificação do garimpo proporcionou a diversificação dessas relações dentro deste território, gerando efeitos também fora dele.



Cumprir registrar que os garimpeiros eventuais e os garimpeiros tradicionais agiam sobre o espaço da Bacia do Rio Vermelho na busca frenética pelo veio do ouro¹³. Nas imediações do garimpo, as paisagens se modificaram no intuito de melhor adequar-se a essa nova atividade econômica. Parece não haver dúvida de que o território do garimpo é um espaço concreto que transforma a paisagem geográfica, aqui entendida como “resultante da ação cultural ao longo do tempo sobre a paisagem natural” (SAUER apud ROSENDAHL; CORREA, 1998, p. 7) e produtora de cultura. Cosgrove (apud ROSENDAHL; CORREA, 1998) explica que, enquanto a paisagem é uma maneira de ver, de compor e harmonizar o mundo externo, a cultura é considerada um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano, que foram apreendidas e transmitidas através de gerações e imprimidas no espaço construído.

No território do garimpo estão impressas as várias dimensões da paisagem definida por Rosendahl & Correa (1998): paisagem morfológica, como um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana; paisagem funcional, onde há uma relação entre as suas diversas partes; paisagem histórica, produto da ação humana ao longo do tempo; paisagem espacial, onde uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre; e a paisagem simbólica, portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias. Por outro lado, o retorno do garimpo na bacia do Rio Vermelho, além destas mudanças, tem que lidar com outras, como os sérios problemas socioambientais resultantes da incessante exploração da natureza.

O Mundo do Garimpo: Suas Relações de Produção e seus Impactos Econômicos, Socioambientais e Culturais na cidade de Goiás

Outro aspecto a ser considerado sobre o garimpo foi o da transformação das relações sociais de produção. Nesta segunda “corrida do ouro”, as relações sociais de produção da atividade garimpeira foram modificadas, tendo em vista a demanda econômica do mercado do ouro. Nessa nova composição do espaço, o garimpo se “industrializou”, de um lado estavam os donos dos meios de produção (empresários do garimpo que compram as máquinas) e de outro os garimpeiros braçais, que recebiam uma remuneração muito inferior ao lucro obtido com a extração aurífera.

¹³ Veio do ouro: método de extração, era a única conhecida no início da colonização, era realizada no cascalho superficial, ainda não removido, com a ajuda da bateia: após lavrado e agitado o cascalho, o ouro depositava-se no fundo (PALACIN et al., 1995, p. 92).



Alem disso, à medida que o ouro foi tornando-se cada vez mais um negócio lucrativo, multiplicaram-se as pessoas que investiam na compra de máquinas, seja de forma direta da loja, seja pelo arrendamento com direito de propriedade praticado pelos fazendeiros e comerciantes do ouro. Esse redimensionamento do perfil dos garimpeiros acarretou o surgimento de uma nova categoria, a do Garimpeiro Eventual, nome dado ao cidadão vilaboense que se tornou eventualmente garimpeiro, em busca dos dividendos desta atividade econômica.

Na pesquisa que originou este artigo, definimos os garimpeiros eventuais como aqueles que se ocupam de diferentes funções na atividade mineradora: a de investidor e a de trabalhador no garimpo. Os investidores (fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos, trabalhadores braçais, mineradores e até os garimpeiros manuais), adquiriam as máquinas e após distribuição das porcentagens de 7% aos cinco garimpeiros braçais e 15% ao dono da terra, ficavam com apenas 50% do ouro encontrado (SILVA, 2000). Nos depoimentos dos Garimpeiros Eventuais que se envolveram investindo diretamente no garimpo, eram assim diferenciados:

- Grande investidor: caracterizava-se por possuir acima de oito conjuntos de máquinas;
- Médio investidor: caracterizava-se por possuir de quatro a sete conjuntos de máquinas;
- Pequeno investidor: caracterizava-se por possuir de um a três conjuntos de máquinas.

Os trabalhadores no garimpo eram chamados de garimpeiros eventuais braçais, que eram contratados pelos investidores para operar as máquinas. E, por último, os garimpeiros eventuais autônomos, que não tinham patrão, trabalhavam sozinhos ou em grupo, chamados de garimpeiros manuais. Eles utilizavam equipamentos rudimentares como a bateia e a banca, lucrando 100% do ouro encontrado.

Durante a árdua atividade, os garimpeiros, além do ouro, encontravam materiais da época dos bandeirantes. Eram materiais valiosos para os museus da cidade de Goiás e de São Paulo. Entre os materiais foram encontrados pratos, talheres, utensílios de beleza entre outros. Estes garimpeiros conseguiam aumentar o seu rendimento com a venda desses utensílios para os museus da cidade, que os adquiriam a fim de remontar a história dessa antiga e importante localidade goiana. A descoberta desses utensílios era esperada, visto que as explorações ocorriam em áreas remanescentes da extração mineral do século XVIII.



A atividade garimpeira, como já foi dito, é um fenômeno de ordem econômica, social, política e cultural. Tal abrangência torna o garimpo uma atividade economicamente ativa, com traços acentuados de exploração da força de trabalho e da natureza. Nessa nova “corrida do ouro”, há uma modificação nas relações de trabalho e os impactos dessa atividade atravessam as fronteiras da paisagem natural, alcançando a paisagem sociocultural. Os efeitos do garimpo em qualquer época são penosos à paisagem natural. Contudo, os do garimpo que se estabeleceram ao longo da década de 1980 na Bacia do Rio Vermelho, não se restringiram apenas à coloração escura das águas do rio, nem às suspeitas de contaminação de mercúrio, mas, principalmente, à modificação dos modos de vida da população local.

Os impactos na cidade foram sentidos inicialmente de forma positiva na cidade de Goiás, pois o garimpo fez o dinheiro aparecer e circular na cidade. Isso demandou a diversificação dos produtos comercializados, gerando o desenvolvimento do comércio e mais empregos. Houve uma diversificação do comércio, principalmente, com a abertura de mais lojas especializadas na venda de produtos voltados para o garimpo, como motores, bateias, bancas, lonas e colchões. Apareceram, ainda, estabelecimentos que se especializaram em comprar ouro, como o Supermercado João Luiz, que se destacou no ramo trocando suas mercadorias por ouro (SILVA, 2000, p. 74).

No garimpo havia pessoas de todas as idades, muitos jovens e uma pequena, mas importante, participação da mulher nos serviços de cozinha, na própria atividade braçal e também como investidora no garimpo (SILVA, 2000, p. 74). Os depoimentos das garimpeiras revelam as dificuldades enfrentadas ao tentar adentrar numa atividade altamente competitiva e tradicionalmente masculina. Além de desconhecer as especificidades da natureza da atividade, quando tentavam opinar e negociar com os garimpeiros, ou eram discriminadas, ou ainda, vitimadas por roubos, algo muito comum no universo do garimpo.

Ao mesmo tempo em que o garimpo fortaleceu o comércio, paradoxalmente, ocasionou uma desestruturação produtiva na cidade ao atrair trabalhadores braçais especializados, tais como marceneiros, padeiros, sapateiros, lavadeiras, cozinheiras. Essas pessoas largaram suas atividades cotidianas em busca da riqueza no garimpo, dedicando-se exclusivamente à atividade extrativa mineral. Além disso, com o reestabelecimento da prática do período do ouro de pagar bens e produtos com ouro, acabou por causar aumento do custo de vida, ao inflacionar os preços do



comércio local. Com isso, outro efeito colateral foi a escassez de produtos do dia-a-dia, como o caso do detergente utilizado na lavagem das máquinas do garimpo (SILVA, 2000, p. 76).

Mas não apenas a economia sofreu com as consequências da atividade do garimpo. Para muitos moradores, os modos de vida e os costumes locais também se viram ameaçados pelas práticas introduzidas pelos novos garimpeiros, tidos como aventureiros e desenraizados, submetidos a condições precárias de trabalho na esperança de mudar de vida. Com efeito, de modo geral, os garimpeiros passavam de dez a doze horas por dia dentro d'água, explorando o leito e as margens do rio. Nos finais de semana, se tivessem alcançado bons resultados iam para a cidade vender o ouro e em busca de diversão, acabando por gastar rapidamente tudo o que haviam ganhado durante a semana (SILVA, 2000, p. 76).

Ao redor das áreas dos garimpos mais distantes da cidade, constituíram-se como vilarejos que abasteciam os garimpeiros, como o de Lua Nova. Esse povoado, típico da área de influência do garimpo sofreu com o crescimento desordenado e acelerado da atividade garimpeira praticada no rio Ferreira. Outro impacto significativo da nova leva garimpeira foi em relação ao meio ambiente. O uso de novos equipamentos na extração do ouro no leito do rio em grandes profundidades e nos barrancos, com alta capacidade de destruição, intensificou a exploração do mineral e trouxe um rápido retorno financeiro, mas acelerou o processo de comprometimento do meio ambiente, tendo, como resultados a destruição das matas ciliares, o assoreamento e o desvio do curso do rio e a poluição das águas, que se mostraram túrbidas e sujas de óleos, graxas e detergentes utilizados na limpeza e no funcionamento do maquinário.

Segundo o Relatório da SEMAGO (1988), por causa do aumento das frentes garimpeiras e, conseqüentemente, dos seus maquinários, houve uma destruição desenfreada da natureza hídrica, influenciando sobremaneira nas condições naturais da região. O uso indiscriminado de tratores, caminhões, máquinas, ferramentas manuais e do próprio jato aspersor provocaram o desmatamento acelerado e praticamente irreversível. Com o passar do tempo, tornaram-se cada vez mais presentes os efeitos negativos do garimpo sobre o rio, a ponto de alguns fazendeiros preocupados com o alto grau de destruição acarretado pelo garimpo, restringiram a extração do ouro ao leito do rio, acreditando que o revolvimento das águas do rio não ameaçaria a preservação da natureza.



Contudo, o crescimento acelerado e descontrolado do garimpo acabou por gerar não só a migração de garimpeiros que revolviavam as águas do rio, mas também o uso de materiais que, ao invés de beneficiar a extração, acabaram reduzindo o valor do ouro. Esse é o caso do ouro azougado, adulterado pelo emprego do mercúrio. O mercúrio¹⁴ ou o azougue¹⁵ como é conhecido pelos garimpeiros é um material químico bastante comum nos garimpos de rocha¹⁶, por sua propriedade de juntar partículas de ouro. No garimpo de aluvião, como é o caso da Bacia do Rio Vermelho, o emprego dessa substância só acontece no garimpo de bateia e, ainda assim, por desconhecimento de outras técnicas, já que o mercúrio – além de encarecer o processo, por ser um material caro – suja o ouro, reduzindo seu preço na hora da comercialização.

O potencial de contaminação do azougue é muito forte. Ele pode contaminar as águas do rio e todo seu ecossistema, além de causar danos à saúde das pessoas, quando utilizado em grandes proporções. Nesse caso, ele é absorvido pelos peixes, provocando sua morte. O risco para a saúde humana ocorre quando essa substância sofre um processo de combustão¹⁷ e se transforma em dimetil composto, material inalável e absorvido pela corrente sanguínea.

No entanto, a pouca quantidade de mercúrio utilizado no garimpo aluvionar da Bacia do Rio Vermelho não chegou a provocar danos visíveis à natureza nem ao homem. A propósito disso, o relatório da SEMAGO (1988) atestou o não comprometimento das águas pela presença do mercúrio, enquanto os órgãos de saúde locais tampouco registram o aparecimento de enfermidades resultantes da contaminação por essa substância¹⁸. Ainda segundo o Relatório, a atividade garimpeira começou a se proliferar de tal modo que ameaçou invadir a cidade de Goiás, ao mesmo que se expandia em direção ao rio Araguaia, famoso pólo turístico goiano:

[...] a região trabalhada consiste à aproximadamente 2 km do centro da cidade de Goiás, onde as águas apresentam características aceitáveis no tocante a turbidez,

¹⁴ Mercúrio: é também chamado de azougue. É um metal líquido, um composto chamado dimetil mercúrio. É utilizado para juntar as pequenas partículas de ouro. Tornando o ouro azougado, o que diminuía seu preço no mercado.

¹⁵ Azougue: é o nome que os antigos garimpeiros dão ao mercúrio.

¹⁶ O ouro de rocha precisa ser juntado porque sai praticamente esfacelado da extração.

¹⁷ Os garimpeiros e os comerciantes do ouro estão mais sujeitos a esse tipo de contaminação, pois o ouro azougado é submetido a um processo de combustão na hora da venda.

¹⁸ Vale registrar que os órgãos de saúde locais, por essa época, não dispunham dos recursos necessários para comprovar, cientificamente, a procedência das denúncias que imputavam ao garimpo a deterioração da saúde dos moradores da região, segundo informações prestadas pelo ex-diretor geral do Órgão de Saúde do Estado de Goiás (OSEGO) que funciona na cidade.



apesar de lançamentos domésticos e industriais. A partir deste ponto, onde já existem máquinas e inicia-se a exploração garimpeira, agrava-se em todo o trecho à jusante, com o teor de turbidez e poluição sendo aumentado gradativamente e consideravelmente até o rio Araguaia, onde o impacto provocado é visível e notável (SEMAGO, 1988, p. 18).

Com a ameaça da invasão do garimpo, o Ministério Público e a imprensa iniciaram um processo de conscientização da comunidade local a respeito dos efeitos negativos da atividade garimpeira sobre o rio. Esse movimento teve o objetivo de sensibilizar todos os moradores, inclusive os que trabalham no garimpo eventualmente. Sob a perspectiva dos habitantes da cidade de Goiás que se mantiveram afastados do garimpo, a atividade garimpeira de fato possibilitava o aparecimento de capital, mas em prejuízo do rio, que era destruído pouco a pouco e do trabalhador braçal que se via explorado. Por isso estas pessoas discordavam da forma como esse dinheiro estava chegando. Sempre foram taxativos ao afirmar que não eram contra os garimpeiros, mas contra a atividade do garimpo (SILVA, 2000, p. 65).

A mídia teve um importante papel no fechamento do garimpo, pois tornou a opinião pública, não só da localidade, mas de todo o Estado, contrária a esta atividade (SILVA, 2000, p. 68). A transmissão das imagens do que o garimpo era capaz de fazer com o Rio Vermelho foi decisiva para consolidar o desejo, inclusive, entre os garimpeiros eventuais de que o garimpo acabasse. Surgiram então os primeiros sinais do conflito que se estabeleceu entre os garimpeiros favoráveis ou não ao garimpo.

Considerações finais

Resta inequívoco que o garimpo aluvionar na década de 1980 foi um marco significativo na história da cidade de Goiás, porquanto reinseriu a cidade no cenário econômico-político estadual. Tratou-se de um momento ímpar, pois a atividade que reergueu a cidade é a mesma que lhe deu origem. Vale lembrar que esse surto de desenvolvimento, embora não decorra da industrialização, favoreceu tanto o crescimento urbano quanto foi capaz de gerar empregos.

Tratado como fenômeno social, o garimpo na Bacia do Rio Vermelho possuía traços bastantes particulares, que o diferenciaram de outras regiões de extração mineral. O principal deles foi o surgimento de um novo perfil de garimpeiro, até então desconhecido pelos estudiosos da área.



Trata-se do garimpeiro eventual, que temporariamente se aventura no garimpo em busca do ouro a fim de melhorar suas condições de vida.

Com efeito, parte significativa da população vilaboense atuou no garimpo de modo eventual, abandonando durante algum tempo suas atividades profissionais originais. Esse tipo de garimpeiro, pertencente à comunidade local, acabou provocando a territorialização do garimpo. Isso aconteceu na medida em que ele manteve uma relação diferente com o local que explorou, em função da identidade que ele já possuía com o lugar e das relações já existentes com as outras pessoas do garimpo, muitas vezes também moradores da cidade.

A atividade garimpeira caracteriza-se como um fenômeno econômico, social e cultural, marcada pela modernização técnica que atinge tanto o funcionamento do garimpo como as relações de trabalho que o envolvem. Embora a técnica simbolize a ascensão da atividade garimpeira, ela nada mais representa do que a conformação da mão de obra às regras do sistema econômico vigente, posto que beneficia o dono de máquinas e não o garimpeiro tradicional.

Percebe-se que o garimpo ainda é uma realidade muito presente na memória de todos aqueles que se envolveram direta ou indiretamente com a extração do ouro em Goiás na década de 1980. Prova disso é a ênfase que eles conferem aos tempos em que, graças à produtividade do garimpo, tiveram certo poder aquisitivo, ainda que efêmero, e assim puderam vislumbrar um modo de vida diferente.

Referências

- ANDIMA. Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto. **Série Histórica**. Ouro. Rio de Janeiro: ANDIMA agosto de 1995.
- ARTE URBANA. **Diretrizes para o Plano Diretor da Cidade de Goiás**. Volume I. Goiânia, 1996.
- CLAVAL, Paul. **O espaço e poder**. São Paulo: Zahar Editores, 1978.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL. **Garimpos do Brasil**. Coordenação de Walter Schmaltz e Gerobal Guimarães. Divisão de Fomento e Produção Mineral. Brasília, 1983.
- ENCONTRO REGIONAL DO OURO DE GOIÁS (EROG). **Anais**. Goiânia: SBC/Núcleo Centro-Oeste, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1999.
- GOIÁS. SEMAGO. **Relatório de inspeção das áreas de garimpo na Bacia do Rio Vermelho na região de Goiás, Itapirapuã e Aruanã**. Goiânia, ago. 1988.



- GUERREIRO, Gabriel. Garimpagem de ouro na Amazônia: reflexos econômicos, sociais e políticos. In: ROCHA, Gerônimo Albuquerque (Org.). **Em busca do ouro**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2010.
- MARON, Marcos Antônio Cordeiro. Ouro In: BARBOSA, Frederico Lopes Meira; GURMENDI, Alfredo C. **Economia mineral do Brasil**: estudos de política e economia mineral. Brasília/DF: DNPM. 1995.
- ROCHA, Gerônimo Albuquerque (Org.). **Em busca do ouro**: garimpos e garimpeiros no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1984.
- ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. **Paisagem tempo e cultural**. Rio de Janeiro: EdNERJ, 1998.
- SALOMÃO, Elmer Prata. Garimpos do Tapajós: uma análise da morfologia e da dinâmica de produção. **Ciências da Terra**, Salvador, ano 1, 1982.
- SALOMÃO, Elmer Prata. Exploração é rudimentar. **Jornal Correio Brasiliense**. Brasília/DF, 20 fev. 1992 (p. 9).
- SILVA, Noelma. **O garimpeiro eventual e a territorialização do garimpo na Bacia do Rio Vermelho na Cidade de Goiás (1981 a 1991)**. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- SOUZA, Gilson Rodrigues. **Ouro em Goiás**: exploração recente “década de 80”. Monografia (Graduação em Economia) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis/GO, 1990.
- SOUZA, Marcelo José Lopese. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et al. **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.